



ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 19/10/2025

Aceito em: 16/12/2025

Publicado em: 19/12/2025

**Estágio na Educação Infantil:** constituir-se professoras com as escrevivências

**Internship in Early Childhood Education:** becoming teachers through written-lived experiences

**Prácticas en Educación Infantil:** formación docente a través de la escrevivência

Karina de Oliveira Santos Cordeiro<sup>1</sup>  
Fernanda Cristina de Souza<sup>2</sup>



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe20406>

**Resumo:** Este trabalho apresenta resultados da pesquisa realizada a partir das atividades de estágio na Educação Infantil do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Como pressuposto metodológico, utilizou-se a documentação pedagógica como dispositivo para a análise das narrativas produzidas pelas discentes, a partir de suas reflexões sobre “ser professora da Educação Infantil”, em diálogo com o conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo. O objetivo consiste em analisar as aproximações com o campo da experiência profissional a partir das escrevivências das discentes. Os marcos teóricos estão articulados aos estudos contracoloniais das infâncias. Os resultados indicam que uma formação docente comprometida com as epistemologias contracoloniais podem lançar luz às infâncias invisibilizadas nos espaços institucionais da Educação Infantil, além de colaborar com uma docência respeitosa, sensível e comprometida com as crianças desde bebês.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Estudos contracoloniais. Escrevivências. Formação de Professores. Infâncias

<sup>1</sup> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1427291539432039>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9136-1383>. Contato: [koscordeiro@urb.edu.br](mailto:koscordeiro@urb.edu.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6201844080308330>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8581-4895>. Contato: [fernanda.souza@ufr.edu.br](mailto:fernanda.souza@ufr.edu.br)



**ABSTRACT:** This paper presents the results of research conducted during internship activities in Early Childhood Education as part of the Pedagogy degree program at the Federal University of Recôncavo da Bahia. Pedagogical documentation was adopted as the methodological approach and served as a tool for analyzing the narratives produced by the students based on their reflections on “being a teacher in Early Childhood Education” in dialogue with the concept of written-lived experience (*escrevivência*) coined by Conceição Evaristo. The aim is to analyze the connections established with the field of professional practice through the students’ lived experiences. The theoretical frameworks are articulated with counter-colonial studies of childhood. The results indicate that teacher education grounded in counter-colonial epistemologies can illuminate childhoods rendered invisible within institutional spaces of Early Childhood Education and contribute to a respectful, sensitive, and ethically committed teaching practice for young children.

**Keywords:** Early Childhood Education. Counter-colonial studies. Written-lived experiences (*Escrevivências*). Teacher Education. Childhoods

**Resumen:** Este artículo presenta los resultados de una investigación realizada durante las prácticas en Educación Infantil, en el marco del programa de Pedagogía de la Universidad Federal do Recôncavo da Bahia. Como enfoque metodológico, se empleó la documentación pedagógica para analizar las narrativas de las estudiantes, elaboradas a partir de sus reflexiones sobre la experiencia docente en Educación Infantil, en diálogo con el concepto de «*escrevivencia*» (experiencia vivida y escrita), acuñado por Conceição Evaristo. El objetivo es analizar las conexiones con el ámbito de la experiencia profesional a partir de las vivencias de las estudiantes. El marco teórico se articula con estudios anticoloniales sobre la infancia. Los resultados indican que una formación docente comprometida con epistemologías anticoloniales puede visibilizar infancias históricamente invisibilizadas en los espacios institucionales de la Educación Infantil, además de contribuir a una práctica pedagógica respetuosa, sensible y comprometida con las niñas y los niños desde la primera infancia.

**Palabras clave:** Educación Infantil. Estudios anticoloniales. *Escrevivências*. Formación docente. Infancias

## 1 INTRODUÇÃO

O estágio da Educação Infantil nos cursos de Licenciatura em Pedagogia tem se revelado um momento importante na vida acadêmica das/dos discentes. Em algumas situações tem sido um divisor de águas para a continuidade na docência, uma vez que promove experiências formativas para a constituição de uma identidade profissional, ao tempo que exige conhecimentos teóricos e práticos capazes de promover um novo olhar docente comprometido com as múltiplas infâncias.

No Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), esse debate sobre a Educação Infantil ganha maior destaque por alguns elementos que compõem os espaços e os sujeitos desse lugar. Por estar localizado no estado da Bahia, propriamente no território de identidade do Vale do Jiquiriçá e muito próximo ao território do Recôncavo, as marcas ancestrais compõem com muita força os saberes e fazeres dos sujeitos desse espaço; além disso, a construção do conhecimento do saber acadêmico é elaborada numa perspectiva contracolonial. Além disso, é importante ressaltar que a universidade tem seus territórios compartilhados com comunidades quilombolas, tal como afirmado por Cordeiro, Souza e Santos (2024), aspecto que marca a identidade de seu projeto político pedagógico.



Por esse motivo, os marcadores de gênero, raça e classe social atravessam a vida das meninas mulheres negras da classe trabalhadora que frequentam o curso de Pedagogia do CFP/UFRB, e, na maioria dos casos, são as primeiras gerações de suas famílias a ingressarem no Ensino Superior. Romper com um ciclo de subalternização e exploração trabalhista a partir da docência na Educação Infantil tem possibilitado às/aos discentes de Pedagogia se firmarem na profissão.

Os marcos teóricos desta pesquisa estão articulados aos estudos contracoloniais, a partir das contribuições de Antonio Bispo dos Santos (Nego Bispo) e das epistemologias quilombolas sobre infâncias, legitimando suas contribuições para a formação docente. Desse modo, utilizaram-se as escrevivências produzidas pelas estudantes, em sua maioria, mulheres negras, como documentação pedagógica para as atividades do estágio supervisionado na Educação Infantil. A pesquisa que apresentamos se constitui com uma possibilidade de ouvir os efeitos formativos a partir das vozes ecoadas em suas narrativas escrevientes que emergiram no percurso do estágio docente da Educação Infantil das discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia do CFP/UFRB.

O objetivo geral foi compreender como os estudos acerca dos conhecimentos científicos e pedagógicos contracoloniais têm contribuído para uma fundamentação da prática docente na Educação Infantil. Nesse processo de investigação buscou-se identificar por meio das escrevivências uma nova forma de organização metodológica a partir da documentação pedagógica a fim de perceber outros modos de narrar a docência na Educação Infantil.

O artigo está organizado com a presente introdução, seguida de três seções. Na primeira, realiza-se uma revisão bibliográfica sobre as múltiplas infâncias, sobre as escrevivências, além das discussões sobre a formação de professores e o estágio na Educação Infantil. Em seguida, na segunda seção, discutiu-se a metodologia a partir da documentação pedagógica no estágio da Educação Infantil. A terceira seção é composta pelos resultados e discussões das escrevivências, e por fim têm-se as considerações finais.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os marcos teóricos desta pesquisa estão articulados aos estudos contracoloniais e às epistemologias quilombolas sobre as infâncias. Optou-se por essa perspectiva, pois conforme assinalam Souza, Basílio e Marcolino (2024), as teorias eurocentradas sobre as infâncias não dão contam de “captar o contexto complexo das infâncias brasileiras (Souza; Basílio; Marcolino, 2024, p. 70). Sobre a Educação Infantil e a formação de professores,



utilizaram-se os estudos de Ostteto e Maia (2019) e Trindade (2008). Além disso, buscouse inspiração teórica a partir da escrevivência de Conceição Evaristo (2008) e Santos (2022).

## 2.1 As contribuições das pesquisas contra-hegemônicas e contracoloniais para pensar a infância e a Educação Infantil

Pesquisadores como Souza, Basílio e Marcolino (2024), assim como Cordeiro, Souza e Santos (2024) tratam de questões basilares para pensar a infância na contemporaneidade, sem perder de vista o processo histórico de transformações do conceito de infância.

Para Souza, Basílio e Marcolino (2024), com base nos estudos contra-hegemônicos, a infância, em sua dimensão histórica e social, é atravessada por transformações macro e/ou microestruturais, impactando diretamente o cotidiano das crianças desde bebês, aspectos esses que marcam a multiplicidade de modos como esses sujeitos vivem tal tempo geracional, sendo fundamental considerar o histórico de colonização que durante séculos deslegitimou e exterminou as formas de ser e estar no mundo das infâncias afro-indígenas e latinas. Esse fenômeno impõe desafios para as pesquisas sobre crianças e para o campo da formação docente na Educação Infantil.

Em ensaio que discute as contribuições das epistemologias quilombolas sobre infâncias para pensar a Educação Infantil, Cordeiro, Souza e Santos (2024) defendem que os estudos da infância podem romper com as perspectivas colonizadoras e universalistas sobre as crianças. As autoras e o autor defendem uma Pedagogia da Educação Infantil que seja contracolonial:

[...] que reconheça os saberes das crianças e das comunidades; respeite os conhecimentos ancestrais, na relação indissociável entre crianças e a natureza; paute-se nas lutas fundamentais para a consolidação do direito à educação; e valorize a ação social das crianças e a ação social dos/as professores/as sem hierarquização. Uma pedagogia da Educação Infantil contracolonial se posiciona contrária ao projeto neoliberal de educação e de sociedade e combate todas as formas de opressão, a saber: o racismo, o capacitismo, a homofobia, o patriarcado, o machismo, a xenofobia, o adultocentrismo, dentre outras (Cordeiro; Souza; Santos, 2024, p. 122).

Concordamos, desse modo, com os estudos mencionados, acerca da necessidade de questionar os efeitos da Colonização nos modos de produzir pesquisas sobre a Educação Infantil e sobre a formação docente.

A seguir, conversaremos sobre as contribuições das escrevivências para pensar a formação docente na Educação Infantil.



## 2.2 Escrevivências e formação docente: é preciso assuntar

Embora eu fale muito, gosto muito de ficar assuntando, escutando as vozes, os casos, o cotidiano. E assuntar também pede silêncio. Pede para que você se retire da roda e fique observando o que as pessoas estão falando. Creio que a escrita pede isso. O tempo todo é preciso assuntar a vida (Evaristo, 2020, p. 41).

Pedimos licença à Conceição Evaristo para utilizar em nossa pesquisa o conceito de escrevivência em uma das primeiras produções intelectuais das discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A importante intelectual nos ensina que é preciso assuntar a vida.

Foi no exercício de assuntar os processos de formação docente, que passamos a nos questionar como professoras universitárias sobre quem são as futuras professoras egressas da UFRB. A partir dessa reflexão, nos mobilizamos para compreender quem são essas mulheres e para garantir o estágio comprometido com a docência para a Educação Infantil. Na maioria dos casos, o perfil das estagiárias em Educação Infantil é composto por mulheres negras da classe trabalhadora, portanto, buscou-se nessa escrita garantir “uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas” não estava autorizada a falar de si (Evaristo, 2020, p. 30).

Para Evaristo (2020), a escrevivência é uma escrita implicada que “antes de qualquer domínio, é interrogação” (Evaristo, 2020, p. 35). Desse modo, conforme assinala a autora, as histórias narradas nas escrevivências tratam de experiências coletivas que durante muito tempo foram desconsideradas pelo mundo.

Escrever para a autora “não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 54). Portanto, é uma escrita cheia de vida e de afeto, em que as histórias que antes não eram valorizadas e ouvidas passam a fazer parte de uma escrita intelectual.

Nessa perspectiva, o trabalho de Santos (2022) nos ajuda a pensar a importância da escuta das escrevivências para uma formação de professores atrelada a uma ação implicada com os sujeitos que estão fazendo a diferença nos cotidianos da Educação Infantil. Para a autora, as escrevivências revelam “o papel político e social da ação em *locus*, do fazer pedagógico que se forja em lutas educacionais contra o racismo, o sexism, a discriminação e desigualdade racial” (Santos, 2022, p. 49). Como disse a autora, a perspectiva dos estudos contracoloniais sobre a valorização dos profissionais da Educação Infantil traz fundamentos para dar sustentação ao seu trabalho de pesquisa.



A partir do movimento da escrita de si, somos convocadas a pensar que “Nós somos educadoras que fazem parte de um coletivo que se desafia a recriar experiências de vida para a infância negra e novas epistemologias educacionais afrocentradas” (Santos, 2022, p. 144). Portanto, as escrevivências refletem uma vida repleta de experiências.

## 2.3 Formação de Professores e Estágio na Educação Infantil

A formação docente para atuação com crianças na Educação Infantil deve ser fundamentada a partir de uma discussão teórica que visibilize as múltiplas infâncias que compõem esse espaço. Cordeiro, Souza e Santos (2024, p. 104) indicam a necessidade de garantir “uma Educação Infantil numa dimensão contracolonial” a partir da “ação social das crianças e a valorização de seus saberes e das suas formas de interagir com o mundo”. Desse modo, é preciso firmar um compromisso ético, estético e político com discentes que estão em formação inicial a fim de garantir uma educação respeitosa, afetiva e potente para o desenvolvimento das crianças.

Outro marcador importante na construção de nossa pesquisa foi o estudo sobre o cotidiano. Para tanto, utilizaram-se os aportes teóricos de Trindade (2008), em que a autora apresenta o cotidiano como múltiplo, diverso e repleto de histórias. O cotidiano, como afirma a autora, é um território que de certa maneira educa o olhar. A autora trabalha com a ideia de que o cotidiano é quase sempre “Incapturável, imprevisível, como, talvez, num caleidoscópio – dependendo de como olhamos, podemos perceber imagens em movimentos diversos nos quais, ainda que em flashes, algo de visível e previsível pode ser capturado” (Trindade, 2008, p. 12).

Nessa perspectiva os estudos contracoloniais nos ajudam a pensar uma formação em que as práticas e saberes tradicionais são valorizados e incorporados nos currículos dos cursos de Licenciaturas em Pedagogia. O estágio realizado em instituições públicas, por esse motivo, se torna um espaço em que as ações de pesquisa, ensino e extensão se articulam de maneira consistente, proporcionando uma formação atrelada aos fenômenos da realidade.

Ostteto e Maia (2019, p. 6) apresentam o campo de estágio como *lócus* de pesquisa em que as “ações como observar, registrar, analisar, discutir os dados encontrados e tentar reparar em contradições e questões importantes para o trabalho docente, faz a diferença no percurso”. Para as autoras, a formação inicial proporciona uma ação refletida sobre diversos aspectos visíveis e invisíveis no ambiente escolar. O olhar para si marca as experiências individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos no processo.



### 3 METODOLOGIA

Em consonância com a perspectiva contracolonial que propusemos nesta pesquisa, utilizaram-se formatos metodológicos apoiados na construção intelectual da epistemologia do sul global. Nesse sentido utilizou-se como estratégia metodológica a documentação pedagógica, por meio das escrevivências das discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRB, que realizaram o estágio em Educação Infantil no semestre acadêmico de 2025.1 nas instituições municipais de Amargosa (BA).

Esse dispositivo metodológico das escrevivências tem se constituído como um importante aliado para a documentação pedagógica, uma vez que se apresenta como outros modos de narrar a docência na Educação Infantil a partir da observação, do registro e das experiências individuais e coletivas.

Cavalieri, Mello e Tiriba (2022, p. 180) afirmam que as “práticas de formação realizadas, sempre que possível nos espaços abertos, na natureza, nas quais as experiências sensoriais, artísticas e brincantes se entrelaçam e amplificam as reflexões teóricas” carregam as marcas de uma metodologia contracolonial.

Desse modo, movidas pelos estudos dessas autoras no que diz respeito à elaboração de uma metodologia contracolonial teórico-brincante, estamos nessa pesquisa nos inspirando em Conceição Evaristo para lançar mão das escrevivências como dispositivo metodológico no processo formativo das estagiárias da Educação Infantil.

De acordo com as autoras, a metodologia contracolonial teórico-brincante são “práticas realizadas e reavaliadas nas rodas, nos coletivos de educadores, nas quais a troca, a conversa e o diálogo constituem condição de aprender-fazer-sentir” (Cavalieri; Mello; Tiriba, 2022, p. 180). Em nosso estudo, os momentos de reflexão e elaboração teórico-crítica das escrevivências ocorreram em todas as fases do Estágio em Educação Infantil – observação, coparticipação e regência, tanto na universidade, quanto nas instituições campo de estágio.

Outra autora que nos inspirou nessa pesquisa foi Santos (2022), com seu trabalho contracolonial numa escola de Lauro de Freitas na Bahia. Ela diz que a escrevivência é “uma forma de não deixar que se apague a minha história. A escrita é uma forma de resistência, é um encontro com minhas memórias e com a minha ancestralidade (Santos, 2022, p. 31). A sua presença intelectual como professora da Educação Infantil instigou as produções das escrevivências das estagiárias. Sobre as atividades do cotidiano da escola,



a autora diz que “Nós temos nos escrevido dia a dia, temos construído uma base teórico-metodológica decolonizante, temos construído uma pedagogia insurgente e afroafetiva no CMEI Dr. Djalma Ramos, em Lauro de Freitas-BA” (Santos, 2022, p. 145).

E nessa busca de uma escrita afroativiva juntamente com as estagiárias tem-se como questão orientadora compreender “Qual a relação possível entre o estudo da “Escrevivência” e a formação de professores/as da Educação Infantil?”. Identificou-se que havia relações possíveis entre o conceito de escrevivência e a produção de narrativas do estágio na Educação Infantil, uma vez que ao narrar e escrever sobre a docência com crianças é possível contribuir para emergir experiências tanto da vida coletiva, quanto do campo de estágio. Sobre isso, Evaristo (2020, p. 34) nos diz que a “Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência”.

A propósito, solicitou-se que as estagiárias elaborassem um conjunto com três escrevivências durante todo o semestre acadêmico de 2025.1. Para a primeira escrevivência, solicitou-se que elas deveriam trazer uma escrita implicada sobre o percurso formativo até o ingresso no ensino superior no curso de Licenciatura em Pedagogia. A segunda escrevivência trata-se do que denominamos como os “Achadouros do estágio em Educação Infantil no período de observação e coparticipação”, nesse momento a escrita se fundamentou a partir do olhar cuidadoso e ético para as diversas dimensões das especificidades da Educação Infantil. Já na terceira e última e escrevivência, as estagiárias foram convidadas a refletir a partir da seguinte questão: “Eu, docente na Educação Infantil?”, nesse momento, elas puderam escrever a partir das experiências de uma docente em construção.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As reflexões iniciais das análises dos dados partem da possibilidade de tomar contato com o campo da experiência profissional. Desse modo, acredita-se que o estágio na Educação Infantil realizado no quarto semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRB pode ser um divisor de águas para se firmar na profissão.

Procurou-se no decorrer do estágio propor questões investigativas para as discentes a fim de que os olhares para o campo de estágio, para as professoras, bem como para as crianças fossem permeados de sensibilidade. Nessa perspectiva criou-se coletivamente uma pedagogia das infâncias contracolonial. Percebeu-se que o marcador de raça e de



gênero das estagiárias majoritariamente é de meninas-mulheres negras. Por isso questões apresentadas por nós foram: O que pode uma professora negra na Educação Infantil? O que elas nos narram sobre ser professora de bebês e crianças?

A fim de tentar contribuir para que elas pudessem se reconhecer como professoras, mulheres negras na docência da Educação Infantil, procurou-se conduzir os estudos pelas experiências das escrevivências, solicitando-as que olhassem para si mesmas, como um corpo negro repleto de experiências do cotidiano.

Em primeiro lugar, destaca-se que a identificação das cinco estagiárias que participaram dessa pesquisa será com os seus próprios nomes e respectivos sobrenomes, o motivo para tal escolha se dá pelo desejo individual, e foi atendido em respeito à história de cada uma delas, que com muita força, determinação e resistência construíram os seus caminhos com as vozes de outras mulheres.

A força das discentes aqui representadas, longe de uma visão romântica, nos indica caminhos para mobilizar outros saberes ancestrais para garantir – ainda que não de forma universal – a inclusão das mulheres professoras numa universidade pública com a qualidade e a excelência acadêmica como a UFRB. Sobre essa força, apresenta-se aqui a alegria e o orgulho de cada uma das estagiárias, que numa docência comprometida com os estudos contracoloniais, puderam olhar para si mesmas e construir escrevivências únicas e coletivas ao mesmo tempo.

Tomou-se emprestado o poema *Vozes Mulheres* de Conceição Evaristo (2008) para dialogar com as escrevivências das estagiárias. Considera-se que esse poema pode inspirar essas meninas-mulheres-negras a romperem com uma história marcada pelas violências físicas e simbólicas que alimentaram durante muito tempo a ausência de corpos negros nas universidades. Ao realizar uma escrita viva, potente e autoral, elas narram suas histórias ancestrais e projetam suas escrevivências como uma escrita coletiva. A seguir discute-se o conjunto de escrevivências à luz de uma perspectiva teórica contracolonial.

#### 4.1 Escrevivência 1- “Percorso formativo e minha entrada na Pedagogia”

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta



no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela. (Evaristo, 2008, p. 24)

As análises iniciais das escrevivências buscam identificar aspectos relacionados às histórias de vida das discentes até o ingresso no curso de Licenciatura em Pedagogia do CFP/UFRB. As escritas foram elaboradas a partir de uma narrativa em que as histórias emergiram entre os barulhos, as pausas e, até mesmo, nos silêncios. Após diversos anos de docência como professoras do ensino superior, compreendemos que os silêncios em alguns momentos são ensurdecedores. O que pode ser confirmado com o relato de Eliene Teixeira:

Quando eu comecei a ler essa história da escritora Fátima Santos, eu comecei a entender um pouco sobre mim mesma. Lembro-me que as professoras deram espaço para que nós pudéssemos falar um pouco sobre a nossa vivência, e eu ali fiquei calada. Porque a professora Fátima, trazia um texto onde ela contava a história dela, e em algumas partes do texto eu estava me vendo durante toda aquela leitura compartilhada em sala de aula (Eliene Teixeira, 2025, p. 03).

Ao contrário das vozes mulheres de Evaristo, que trazem em sua construção inicial a voz silenciosa e silenciada de uma bisavó, de uma avó e de uma mãe, nas narrativas das discentes a presença dos avós como rede de apoio aparece de maneira muito forte nas escrevivências. A discente Tailane Santos intitulou a primeira parte de sua escrevivência como *Escutar com os corpos, sentir com a alma: uma escrevivência entre crianças e memória*. Numa escrita envolvente na terceira pessoa, a discente divide conosco as suas experiências infantis junto aos seus familiares e amigos:

Na rua asfaltada da grande Catira até hoje existe essa casa, lá vivia uma grande família com vários primos que mais pareciam irmãos. Foi nessa casa que Tailane cresceu, a casa de vó Tude, uma senhora negra de pele retinta, cor forte como ela, que não aceitava ser mandada por homens (Tailane Santos, 2025, p. 5).

Além disso, Tailane Santos (2025, p. 5) afirma em sua escrevivência a importância em ter um avô contador de história, pois ele a fez imaginar e criar cenários fascinantes.

Do outro lado da rua, na casa de Vó Santa, o processo de alfabetização continuava, na varanda da casa, sentado em um banco cor de rosa, vó Nozinho, um senhor de pele branca, cabelos lisos e barba sempre feita, contava histórias onde os animais falavam e magia acontecia, a menina Tailane ouvia atentamente e conseguia imaginar o cenário das histórias como se as assistissem em uma grande tela de cinema 3D, ou como se pudesse se virar e tocar no tamanduá a qualquer instante.

Um ponto que merece destaque nessas narrativas é que a maioria delas são as primeiras pessoas de suas famílias a terem acesso ao Ensino Superior. Karine Ribeiro diz em sua escrevivência que as suas inspirações foram uma mãe e uma tia, que apesar de serem professoras, só tinham como formação o magistério.



Na minha família ninguém havia concluído uma graduação até então. Minha irmã foi a primeira a entrar na universidade abrindo caminhos e alimentando a esperança de que esse sonho também seria possível para mim. Apesar disso, já carregávamos uma forte ligação com educação: minha mãe e minha tia foram professoras da Educação Infantil e da EJA. Ambas tinham magistério e sempre foram minha inspiração, mulheres guerreiras que me ensinaram o valor da dedicação e da força feminina (Karine Ribeiro, 2025, p. 4).

Esse rompimento de ciclo marca uma nova fase para as meninas negras do interior que tinham como destino apenas a ocupação de lugares subalternos socialmente. A tomada de consciência permite compreender que a universidade pode transformar vidas: “Foi só mais tarde que comprehendi que na fábrica onde eu trabalhava, eu era apenas uma mão de obra, já na universidade sou parte da resistência, pois ser professora é ter coragem para transformar realidades com a força do conhecimento” (Karine Ribeiro, 2025, p. 4).

Vejamos o que Jéssica Santos nos diz sobre essa experiência e representatividade negra numa universidade pública:

Quando ingressei no Centro de Formação de Professores, fiquei fascinada pelo ambiente e pela representatividade de figuras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Retratadas em pinturas nas paredes, até em então eram autoras que eu não conhecia, e sobre as quais nunca havia ouvido falar (Jéssica Santos, 2025, p. 5).

Umas das obras artísticas a que a discente se refere pode ser observada na imagem abaixo. A pintura tem dimensões de aproximadamente 3 metros de largura por 7 metros de altura, foi feita pelo artista plástico Marcus Vinicius Boquin (*in memoriam*), com título de *Ocupação Conceição Evaristo*, e foi inaugurada em 2023 como forma de homenagear a vida e a obra da escritora. Essa imagem repleta de simbolismo encontra-se na entrada do CFP/UFRB como um convite aos jovens discentes dos cursos de licenciaturas para ocupação presencial e simbólica com os seus corpos negros/as na UFRB.

**Figura 01: Ocupação Conceição Evaristo**



Fonte: Arquivo pessoal das autoras

Eliene Teixeira nos diz sobre as condições exigidas para a ocupação dos espaços de uma universidade por um corpo de uma mulher negra:

Estar em uma universidade pública requer muito, muito mesmo de mim. Requer tempo, dedicação, paciência e vontade de seguir. Até aqui eu tenho entendido que os desafios encontrados no caminho são para me fortalecer. Depois que eu entendi que, quando nascemos pretos, não temos muitas opções a não ser estudar, entendi que o conhecimento é libertador. Vai muito mais além de um simples cansaço diário (Eliene Teixeira, 2025, p. 07).

Em sua escrevivência, Eliene Teixeira nos fala também sobre sua percepção da universidade: “Ao entrar na UFRB, pude entender o quanto importante é esse lugar. Na UFRB eu consigo ser quem eu sou, eu consigo ser livre para ser quem eu quiser ser” (Eliene Teixeira, 2025, p. 07). É sobre isso que se deseja discutir neste artigo, apresentar por meio das escrevivências de suas discentes o projeto materializado de uma universidade contracolonial que não disciplina os corpos negros. E nesse movimento de ser o que ela quiser, Eliene Teixeira buscou inspiração em Fátima Santana Santos (2022):

Essa vivência de Fátima Santos é muito forte, pois eu me vi ali diante da luta dela. Me vi ali quando ela fala do cabelo, porque só eu sei o que é não aceitar o cabelo, porque só eu sei o que é ter que alisar o cabelo ou ter que colocar um mega no cabelo para se sentir aceita em uma sociedade (Eliene Teixeira, 2025, p. 03).

No que diz respeito à resiliência para fazer uma formação numa universidade pública, algumas das discentes buscaram forças em experiências não exitosas em outras etapas de ensino para seguirem firmes:

Entrei no primeiro semestre de Pedagogia firmando um compromisso comigo mesma: eu não sairia dali sem o meu diploma de pedagoga. Meu compromisso agora é com a educação e com minha formação que infelizmente na adolescência foi negligenciada (Márcia Teles, 2025, p. 4).

Ao convidar Evaristo para as reflexões, vale lembrar que “a minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome” (Evaristo, 2008, p. 24). Deseja-se que as estagiárias busquem nas vozes mulheres a força para continuar resistindo e existindo.

#### 4.2 Escrevivência 2 - “Achadouros do estágio em Educação Infantil no período de observação e coparticipação”

Como uma voz que recolhe as escrevivências das estagiárias e amplifica suas experiências formativas, deixamos Evaristo (2008, p. 24) nos provocar mais uma vez:

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome



Identificou-se que a escrita de Eliene Teixeira (2025) foi marcada pela confluência de uma discussão teórica acerca das escrevivências com os aspectos da oralidade, o que segundo a estagiária possibilitou o desejo de se expressar pelas experiências faladas: “Mas essas escrevivências, essas experiências faladas e escritas, são muito interessantes, pois nos faz sentir vontade também de escrever” (Eliene Teixeira, 2025, p. 05).

Os períodos que antecederam os momentos de observação e coparticipação no estágio foram repletos de dúvidas, de incertezas e de certa forma com alguns medos. Contudo, identificou-se que esses sentimentos não foram capazes de paralisar as ações das estagiárias, ao contrário, foram mobilizadores para uma docência implicada e sensível, permitindo assim que as estagiárias pudessesem ir construindo paulatinamente as suas identidades docentes. Observa-se o que Tailane Santos afirma sobre isso:

As aulas que precederam as idas à creche foram marcadas por leituras marcantes e escrevivências que despertavam um olhar para que pudéssemos enxergar além da sala de aula e para preparar as estagiárias para uma educação engajada com as lutas sociais, para entender que as crianças, entendem, aprendem e ensinam (Tailane Santos, 2025, p. 12).

Os achadouros do estágio nos fizeram refletir que “Apurar o olhar sobre o/na cotidiano da Educação Infantil, nos espaços-tempos do estágio, é um desafio ao qual convidamos nossos alunos-futuros docentes a enfrentarem em seu processo formativo” (Ottetto; Maia, 2019, p. 13). As surpresas com o cotidiano das crianças também foram objeto de reflexão das estagiárias. Eliene Teixeira (2025) diz que:

A criança pequena da creche tem toda uma rotina. Eu não imaginei que seria assim, mas confesso que essa experiência de estágio, está sendo um divisor de águas na minha vida, a partir de agora já posso dizer o que realmente eu quero na condição de professora (Eliene Teixeira, 2025, p. 9)

Nesse sentido, a escrevivência abaixo diz que:

O estágio foi uma experiência extremamente enriquecedora e significativa para minha formação. Durante o período de observação e participação, pude conhecer de perto a rotina de uma creche e entender como cada momento do dia contribui para o desenvolvimento integral das crianças. Foi muito importante observar como as atividades são organizadas e perceber que, além dos momentos formais de aprendizagem, cada interação, cada brincadeira e cada cuidado diário são oportunidades educativas valiosas (Jéssica Santos, 2025, p. 07).

Ottetto e Maia (2019) afirmam que as vozes dos estagiários frequentemente presentes nos trabalhos finais ressoam a necessidade de uma ação formativa com compromisso com as múltiplas infâncias. As escrevivências possibilitaram ouvir as vozes mulheres a partir de uma construção em que as crianças são reconhecidas como sujeitos de direitos. A discente Márcia Teles aponta sobre as aprendizagens adquiridas:

Após conviver, conhecer um pouco de suas histórias e observar seus comportamentos, passamos a ser capaz de decifrar muitas vezes do que uma criança precisa, seja mais suporte pedagógico para que consigam efetuar uma



tarefa comum, seja um olhar para expressar afeto, seja para dar um abraço calado, mas que diz: você está seguro (Márcia Teles, 2025, p. 04)

Ampliando o debate sobre esse processo formativo, Trindade (2008) afirma que “Focar o cotidiano para refletir Educação-Diversidade-Igualdade ancora-se na crença de que o cotidiano nos possibilita ouvir/ver a multiplicidade de vozes, cores, tessituras que se entrelaçam, se sobrepõem, isolam-se, contrastam-se, interagem” (Trindade, 2008, p. 12). Encontra-se na escrevivência de Karine Ribeiro (2025) uma ação refletida acerca da organização do trabalho pedagógico para o bem-estar das crianças:

No período de observação, dediquei-me a compreender a dinâmica da rotina escolar e a importância de respeitá-la em cada detalhe desde o momento do sono, da ida ao banheiro, de se vestir, do lanche, e especialmente da brincadeira. Aprendi na prática que a rotina não é apenas uma organização do tempo, mas um elemento é essencial para a segurança emocional e para o desenvolvimento das crianças (Karine Ribeiro, 2025, p. 5).

#### 4.3 Escrevivência 3 – “Eu, docente na Educação Infantil?”

Para responder a essa pergunta foi preciso ler e ouvir as escrevivências individuais e coletivas de cada estagiária a partir de um olhar sensível, cuidadoso e delicado, pois as histórias de todas elas vêm de uma força ancestral que as compõe. Evaristo (2008, p. 24-25) diz que:

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade

Reafirma-se que foi importante reunir nesta pesquisa diversas vozes mulheres materializadas em uma mãe, avó, tia, prima, filha, amiga... e tantas outras representações. A impressão que se tem é de ouvir neste artigo todas essas vozes mulheres em seus mais diversos timbres e nuances. Desse modo, as estagiárias “colocam-se em uma ancoragem formativa, que é individual e coletiva, que é de si e do outro, que é sobre si e sobre o outro” (Ostteto; Maia, 2019, p. 11).

Desse modo, a maioria das discentes procuraram apresentar nessa terceira escrevivência as suas histórias de superação até o momento do estágio em Educação



Infantil. É possível ouvir a partir das vozes dessas estagiárias as experiências de vida e de formação. A filha que recolhe as vozes também reconhece a força das mulheres que marcaram a sua vida, vejamos o que Karine Ribeiro nos diz sobre a ação refletida de sua permanência no curso de Licenciatura em Pedagogia:

Hoje, mais do que nunca, eu entendo que minha trajetória não é sobre fracassos ou desvios, é sobre resistência, sobre cair e levantar. É sobre ocupar espaços que antes pareciam inalcançáveis. Escolhi ser professora porque aprendi, com minha mãe, minha tia e minha irmã que ensinar é também uma forma de lutar e essa luta que me move (Karine Ribeiro, 2025, p. 5).

Essas histórias de superação marcaram a vida e a formação das discentes e permitiram que elas fizessem prospecção para uma atuação comprometida com as múltiplas infâncias presentes no contexto da Educação Infantil. Para Márcia Teles (2025):

O estágio é a parte mais encantadora da formação em Pedagogia, nessas experiências é que conhecemos de fato o que é ser professor, e entendemos ali que além da teoria que aprendemos e a prática que somos preparados para aplicar, existe um sentimento envolvido, quando começamos a trabalhar com crianças uma outra parte do pedagogo se sobressai mais do que as duas primeiras (teoria e prática), nesse momento nosso afeto e formação política direcionam muito qual tipo de profissional seremos (Márcia Teles, 2025, p. 04).

Eliene Teixeira, em sua escrevivência, nos diz que apesar de a regência ter sido a parte mais desafiadora, foi também a que lhe rendeu muitos aprendizados: “O que dizer da minha regência? Acredito que, para mim, foi a parte mais desafiadora do estágio, foi um aprendizado muito grande. A experiência, o desejo e a vontade de querer ser mais, de querer me doar mais” (Eliene Teixeira, 2025, p. 11).

Desse modo, a maioria das discentes procuraram apresentar nessa terceira escrevivência a articulação da formação acadêmica para a realização do estágio. Jéssica Santos aponta que o estágio reafirmou o seu desejo em trabalhar com crianças:

Foi gratificante ver como as teorias estudadas se materializam nas ações diárias da Educação Infantil. Essa vivência me proporcionou um olhar mais sensível e ampliado sobre a importância da educação nos primeiros anos de vida e reforçou a minha vontade de atuar nessa etapa com dedicação e responsabilidade. O estágio foi, sem dúvida, um espaço de grandes descobertas e aprendizados que marcaram minha trajetória e contribuíram para o fortalecimento da minha identidade como futura professora (Jéssica Santos, 2025, p. 8).

Assumir a sala me permitiu experimentar o encantamento de acompanhar o envolvimento das crianças nas atividades, a alegria delas em aprender brincando, os olhares curiosos, as perguntas espontâneas e até mesmo os desafios das pequenas disputas e conflitos. Esses momentos foram fundamentais para que eu compreendesse, na prática, que ser professora vai muito além de ensinar conteúdos, mas que é importante construir práticas pedagógicas baseada no afeto e na interação com as crianças, pois é importante para a relação de respeito com os outros naquele e em outros espaços (Jéssica Santos, 2025, p. 9).

O momento do estágio também foi marcado por algumas incertezas, contudo, por ser uma ação refletida do processo formativo, permite compreender que as ideias não são



fixas. Desse modo, possibilitou que algumas estagiárias pudessem rever os seus desejos e as suas construções de afeto nesse espaço. Em sua escrevivência, Tailane Santos disse que:

Jamais escolheria a Educação Infantil, e duvidou quando as professoras orientadoras falavam que muitas discentes iam para o estágio jurando que não retornariam à Educação Infantil e terminavam o componente dizendo que se apaixonaram pela Educação Infantil durante o estágio. Tailane finalizou o estágio grata pelo acolhimento das orientadoras e da regente, ao mesmo tempo encantada pelas crianças que a receberam com amor e sensibilidade, coisa que ela jamais poderia imaginar. Ao fim, ela eternizou o estágio com uma árvore dos afetos, que virará um quadro na sala de casa, para sempre lembrar do afeto recebido, da beleza que as crianças mostraram e da coragem que ensinam (Tailane Santos, 2025, p. 13).

Essa incerteza também marcou a escrevivência da discente Karine Ribeiro, e segundo ela foi a partir do estágio que houve mudanças sobre a sua atuação na Educação Infantil:

Se alguém me perguntasse alguns anos atrás se eu me via como docente na Educação Infantil, talvez a minha resposta fosse incerta. Embora tivesse inspirações fortes dentro da minha casa (minha mãe, minha tia e minha irmã), pois todas eram ligadas à educação, ainda parecia um caminho distante. No entanto, a minha experiência no estágio mudou tudo (Karine Ribeiro, 2025, p. 08).

Karine Ribeiro segue falando sobre essas experiências formativas e sobre os afetos construídos nesses espaços de formação docente:

Um dos momentos mais emocionantes da minha regência foi perceber o carinho genuíno das crianças. Ao final de algumas atividades, eu era recebida com abraços apertados, beijos espontâneos e olhares brilhantes de empolgação. Aquele gesto simples, mas tão sincero, revelava o quanto elas estavam conectadas, não apenas com as propostas pedagógicas, mas também comigo enquanto educadora. Ver o encantamento nos olhos delas diante de uma história contada com emoção, de uma brincadeira pensada com afeto ou de uma atividade em grupo me tocou profundamente. Foi ali, nesses instantes de trocas verdadeiras, que compreendiam o poder do vínculo e da presença na Educação Infantil. Mais do que ensinar eu estava sendo acolhida por cada uma daquelas crianças e isso não tem preço (Karine Ribeiro, 2025, p. 10).

Ainda sobre se descobrir docente nesse momento do estágio, Márcia Teles demonstra conhecer, em sua escrevivência, os saberes necessários para uma postura contracolonial para uma prática profissional implicada com o desenvolvimento das crianças:

Naqueles dias eu me senti uma pró de verdade, e o tempo todo me imaginava ocupando esse lugar daqui a pouco tempo, refleti sobre muitas posturas que desejo tomar quando for a minha vez, e sobretudo, as posturas que sei que devo evitar para poder ser uma profissional que faça diferença na vida das crianças. Eu penso que o respeito, a sensibilidade e empatia com as crianças são alguns dos papéis fundamentais para uma professora da Educação Infantil (Márcia Teles, 2025, p. 07).

Um dos momentos delicados e potentes pode ser observado na escrevivência de Tailane Santos, quando ela narra sobre os olhares atentos das crianças a partir de sua



presença na sala de aula. Ela diz que Lis, uma criança de dois anos de idade, já havia lhe tocado em diversos momentos, mas o mais marcante foi quando:

Lis, que já havia tocado na pulseira e colar da pró até que, finalmente, deitada em seu colo, timidamente tocou nos cabelos de Tailane, com as mãos leves de quem temia ser repreendida, não ousava tocar firme os cabelos presos. Tailane, que até então havia ido de cabelos presos todos os dias, sentiu-se encorajada pelo ato de uma criança de dois, a soltar os cabelos e ir com o black alto nos dias seguintes. Então ela, que em quase todas as suas ações no projeto “traçando ancestralidades, trançando referências” estava com o cabelo livre, sentiu no toque de Liz, o convite para libertar novamente seus cabelos (Tailane Santos, 2025, p. 8).

Esse ato de empoderamento racial permitiu que as delicadezas continuassem em dias subsequentes com os afetos de outras crianças em tocar os cabelos de um corpo feminino negro.

Um ato simples, que levou Chloe, dias depois, a massagear os cabelos de Tailane, encontrando neles familiaridade e um caminho para expressar afeto, Camilia, a pró regente, registrou o momento enquanto dizia: - viu Chloe, igualzinho ao seu cabelo. E, Tailane, que havia descoberto na escola o quão feio eram os cabelos dela e precisou aprender depois de adulta que tinha os lindos cabelos de sua avó, redescobriu em uma creche que há beleza em seus cabelos naturais e que essa beleza pode ser vista por pequenos olhos guiados pelo amor e não pelo racismo, confirmando naquele momento que as práticas antirracistas devem estar em presentes em todas as modalidades de ensino (Tailane Santos, 2025, p. 8).

Finalizam-se as análises das escrevivências convidando novamente Conceição Evaristo (2008, p. 25) na esperança de que todas as vozes mulheres possam ser ouvidas nos mais diversos lugares formativos, em especial nos estágios de Educação Infantil.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato

O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade

Ao nosso ver, isso é o que podemos denominar de delicadezas e potências de uma formação acadêmica e humana implicada com a territorialidade do Recôncavo da Bahia, não só pela quantidade de reflexões produzidas ao longo do estágio em Educação Infantil, mas sobretudo pela qualidade do debate proposto durante a escrita das escrevivências. Como a voz da filha que recolhe todas as nossas vozes, deseja-se que outras meninas mulheres estagiárias da Educação Infantil dos diversos contextos e espaços formativos possam seguir firmes, e em passos cadenciados para ocupar o lugar de direito de cada uma delas.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, identifica-se que há uma relação de produção de sentido entre as escrevivências e a formação de professores/as da Educação Infantil. Destaca-se que é importante adotar uma postura contracolonial para a escuta das professoras em formação inicial da Educação Infantil, pois elas têm muito a nos dizer sobre elas mesmas, sobre o trabalho docente e sobre as experiências sociais do mundo que as cerca, é preciso que tenhamos um olhar voltado para esses dizeres profissionais. Nesse sentido, o mais encantador nessa pesquisa foi justamente a escuta sensível e atenta das escrevivências das discentes.

Nesse movimento de se descobrir docente na Educação Infantil, as discentes também reafirmaram a identidade de mulher negra. Desse modo, as escrevivências possibilitaram a compreensão de si, a partir das narrativas com as experiências individuais e coletivas.

Ao captar situações diversas do cotidiano escolar sobre as múltiplas infâncias nas instituições de Educação Infantil, as discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRB estão construindo caminhos intelectuais a partir de suas escrevivências.

Considera-se que foi fundamental ouvir essas “vozes mulheres” que ecoaram e atravessaram a vida de cada uma das estagiárias da Educação Infantil, como se fossem um prisma, do qual uma das propriedades é de decompor a luz branca no espectro de cores. As vozes mulheres também cruzaram a vida e a formação delas e as ajudaram a refletir e a escutar sempre outras vozes mulheres. Para finalizar e ao mesmo tempo ampliar o debate, deseja-se que as vozes mulheres de cada docente da Educação Infantil possam recolher todas essas vozes mulheres e ressoar o eco da vida-liberdade para as reflexões futuras.

## REFERÊNCIAS

CAVALIERI, Lúcia; MELLO, Tatiana de Freitas Ordonhes de; TIRIBA, Lea Velocina. Notas de uma metodologia contracolonial teórico-brincante: encontros de educadores a "qual" distância?. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 31, n. 66, p. 173–190, 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/faeeba/article/view/13478/9837>. Acesso em: 30 jul. 2025.

CORDEIRO, Karina de Oliveira Santos; SOUZA, Fernanda Cristina de Souza; SANTOS, Tiago Rodrigues. Somos começo, meio e começo: contribuições das pedagogias quilombolas para pensar a Educação Infantil. In: DIAS, Adelaide Alves; CARDEAL Cintia



Mota (Orgs.). **Infâncias, políticas e direitos em consolidação**. São Carlos: Pedro & João, 2024. p. 99-125.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina de Comunicação e Arte, 2020.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; MAIA, Marta Nidia Varella Gomes. Nas veredas do estágio docente: (re)aprender a olhar. **Olhar de Professor**, v. 22, p. 1–14, 2019.  
Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/13935>.  
Acesso em: 2 set. 2025.

RIBEIRO, Karine Maia. **Escrevivências do estágio em Educação Infantil**. Amargosa, BA: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2025.

SANTOS, Fátima Santana. **Leia-me negras: insurgências afroafetivas na prática pedagógica**. Ilhéus, BA: Editus, 2022. 173 p. Disponível em:  
<https://books.scielo.org/id/t5qq6/pdf/santos-9788574555485.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2025.

SANTOS, Jéssica Ferreira dos. **Escrevivências do estágio em Educação Infantil**. Amargosa, BA: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2025.

SANTOS, Tailane da Silva. **Escrevivências do estágio em Educação Infantil**. (Relatório de estágio). Amargosa, BA: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2025.

SOUZA, Fernanda Cristina de; BASÍLIO, Priscila de Melo; MARCOLINO, Suzana. Infâncias e epistemologias contra-hegemônicas: decolonialidade e interseccionalidade. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 11, n. 28, p. 67-81, 2024.  
Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/21036>. Acesso em: 30 ago. 2025.

TEIXEIRA, Eliene Nascimento. **Escrevivências do estágio em Educação Infantil**. Amargosa, BA: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2025.

TELES, Márcia Evelyn de Oliveira. **Escrevivências do estágio em Educação Infantil**. Amargosa, BA: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2025.

TRINDADE, Azoida Loretto da. Educação-diversidade-igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, Ano 2, v. 3, p. 9-18, 2008.  
Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1740>. Acesso em: 31 ago. 2025.

